

Resenha

A forma do real

(CATALÀ, Josep M. **A forma do real: introdução aos estudos visuais** São Paulo: Summus Editorial, 2011, 272 p.)

Raphael Guaraná SAGATIO¹

Desde os primórdios da humanidade o homem sempre buscou retratar e criar a sua realidade através das pinturas rupestres, esculturas e quadros, sendo assim, o que mudou do homem Cro-Magnon para o homem contemporâneo foi a rapidez, fluidez e a verossimilhança alcançada. Hoje, mais do que representar a realidade, estamos cada vez mais obcecados por imagens detalhadas e realistas. As imagens técnicas dominaram nossa vida cotidiana e não podemos fugir disso. Cada vez mais o fazer da imagem é algo constante em nossas vidas por conta de periféricos que tornaram-se a extensão do corpo físico, mas até que ponto apenas reproduzimos imagens sem visualizar a sua significação? É com essa premissa que Josep M. Català nos brinda com o livro “A forma do real: Introdução aos estudos visuais”.

Apesar de ter sido publicado há quase uma década, ainda hoje o livro de Català é atual e traz ensinamentos com boas reflexões sobre o passado, o presente e o futuro das imagens. O apanhado histórico e cognitivo das imagens na sociedade humana, desde a pré-história até a atual virtualização da realidade encontrados na obra, trazem considerações bastante significativas para o entendimento da imagem no mundo contemporâneo. Ainda que a imagem seja um tema amplamente difundido e estudado, poucos livros tratam o assunto com tal imersão didática, histórica e social. Català modestamente nomeia o livro como uma introdução aos estudos visuais, mas, na realidade, a publicação vai muito além.

Josep M. Català possui Doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade Autônoma de Barcelona, um Bacharelado em História Moderna e Contemporânea pela Universidade de Barcelona, e é Mestre em Teoria de Cinema da Universidade Estadual de San Francisco, na Califórnia. Ele foi professor da Faculdade

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação – PPGC/UFPB.
E-mail: sagatio@gmail.com

de Ciências da Informação na Universidade Autónoma de Guadalajara, México, e Instrutor do Departamento de Cinema da Universidade Estadual de San Francisco. Trabalhou como produtor em diversos canais nacionais e internacionais de televisão. Atualmente é Presidente da Comunicação Audiovisual na Universidade Autónoma de Barcelona, onde leciona Estudos Visuais e é também diretor acadêmico do Mestrado em Documentário Criativo².

A divisão do livro é feita em nove capítulos: 1. Polissemias e poliformas da imagem; 2. Percepções; 3. Breve história das imagens; 4. Formas da imagem; 5. A representação do espaço e do tempo na imagem; 6. Transdisciplinaridade da imagem: cinema e arquitetura; 7. Retórica visual; 8. Modos de exposição e 9. Identidade visual. Em todos esses capítulos existem diversas subdivisões dentro dos próprios temas que fragmentam as ideias e explicações do autor. A proposta base do livro é elucidar o leitor sobre a evolução das imagens e a sua multidisciplinaridade podendo ser classificada como uma proposta pedagógica que consiste em uma completa alfabetização visual para que a real compreensão imagética seja alcançada.

Iniciando com *Polissemias e poliformas da imagem*, no primeiro capítulo já são apresentadas as ideias centrais de Català no que diz respeito à alfabetização visual. As informações que permeiam o capítulo mostram os vínculos ontológicos da evolução humana no âmbito comunicacional e tecnológico e além de tais fenômenos no real e no simbólico. É preciso compreender as imagens, seus signos, forma e função. “O visível é um enigma que permanece como tela de fundo ideal sobre a qual transcorre uma série de fenômenos visuais sempre em mutação.” (p. 45).

Na sequência, o capítulo oportunamente chamado de *Percepções*, Català apresenta uma série de fatores que irão auxiliar e educar o olhar para uma visão mais ampliada para além dos conceitos entre homem, imagem e sociedade. Desde a nossa percepção do real até em como escolhemos com o que interagir se dá por conta das imagens. A todo momento o autor lembra de que ver implica ter consciência do que se está vendo e não apenas olhar. Utilizando princípios como a Gestalt, aprendemos que a imagem se expressa pelas próprias características visuais e que atuais perspectiva iconográfica da realidade são afetadas pela imagem.

² Informações traduzidas do site do próprio autor. <http://josepmariacatala.com/home/>. Acesso em 30 de abril de 2016.

No terceiro capítulo, temos a *Breve história das imagens*. Aqui, Català traz mediações entre o que é arte e imagem. Com o avanço tecnológico das imagens técnicas, o homem utiliza cada vez mais imagens na comunicação tornando-as parte do diálogo, e, com isso, a compreensão da imagem proposta por Català não é apenas visualizar, mas também contemplá-la para compreender a amplitude dos processos estéticos, comunicacionais e as suas representações. Tal convite é feito com o intuito de aprofundarmos essa nova condição entre a tecnologia e humanismo e com isso desvincular o antagonismo entre elas, afinal, as tecnologias existem para estender o potencial dos nossos sentidos e reestruturar os elementos visuais pela própria visualidade. A tal visualidade defendida pelo autor é a mesma que depende da tecnologia e não se deve negligenciar as partes envolvidas na evolução desse processo.

No capítulo quatro, Català apresenta as *Formas de imagem*. Utilizando analogias como quadro e moldura, para delimitar nossa visão do que deve ou não ser visto, o autor propõe é preciso desmaterializar a moldura e enxergar mais adiante. Ainda que existam molduras para mostrar o que deve ser visto, a forma de olhar precisa ser possibilitada de separar a moldura do seu conteúdo para ser integrada ao discurso. Para uma análise mais crível de tal realidade, torna-se necessário seguir caminhos distintos que transcendam a percepção de espaço e tempo das imagens e possam nos conduzir a um processo reflexivo onde refletir seja mais que contemplar, mas ter uma reflexão participativa e não aceitar passivamente as imagens, afinal, as imagens enganam. É preciso tratar das imagens como uma escrita visual.

Depois de uma extensa apresentação do que é e como são formadas as imagens e as suas associações – nos quatro primeiros capítulos – Català traz seu pensamento para questões mais atuais (do quinto ao nono capítulo) sobre as questões de espaço e tempo da imagem. *A representação do espaço e do tempo na imagem* é quinto capítulo e vem com reflexões mais atuais sobre a imagem. Utilizando o conceito de que as imagens atuais são fluídas, Català afirma que a construção da realidade na era digital é cada vez mais subjetiva, onde a imagem é utilizada como uma utopia que não representa a realidade, e sim, um dado momento dessa realidade, um fragmento daquele momento. Porém, a imagem é além disso.

Desde que a fotografia tornou-se o fator tecnológico dominante, as imagens demonstram sintomas sociais intrínsecos à própria imagem, o contexto social, estético,

tecnológico e antropológico, por exemplo. “É necessário falar de uma cultura visual, assim como de uma visibilidade cultural na qual as imagens seriam a representação do visual, das estratégias do visível (p. 163). Abarcado pela literatura, arquitetura, cinema, televisão, quadrinhos e videogames, o autor converge todos a um novo modelo de técnicas comunicacionais, onde esse novo modelo de representação entre técnica, indivíduo e sociedade nos faz refletir sobre o uso real que fazemos dessa configuração e dos dispositivos ao qual estamos atrelados. “Em nossa relação com os equipamentos mais automatizados da atualidade acabamos sendo um módulo a mais deles, necessário para que possam cumprir suas” (p. 188).

A interface proposta pelo autor seria o resultado visual da interação de determinada tecnologia com seus usuários tornado o processo intercambiável; A nossa cognição é parte de um corpo que se encontra em determinado ambiente social e o ambiente molda a nossa forma de visualizar.

O assunto do sexto capítulo é a *Transdisciplinaridade da imagem: entre o cinema e a arquitetura*. Trazendo semelhanças entre arquitetos e diretores cinematográficos, o autor faz uma profunda análise entre as relações dessas integrações nas disciplinas. O autor mostra ser bastante otimista sobre a hibridização imagética e faz apontamentos bastante assertivos acerca da imagem real, imagem técnica e as imagens virtuais. Sob a Égide de conceitos pós-humanos, Català tece algumas críticas aos atuais modelos sociais de interação humana, como, por exemplo, o conceito de memória e da lembrança, que teriam sido transferidos do interior da mente para o exterior dos meios audiovisuais e com isso promover a dissolução da nossa realidade e identidade.

Em *Retórica visual*, o sétimo capítulo, o autor trata a cultura na confecção das imagens como inseparável da memória humana, onde essas imagens simbolizadas pelo imaginário deixam de constituir linguagens e passam a construir discursos, reflexões visuais e audiovisuais que vão produzir novos significados em seus actantes, não existindo assim, a separação clara do que está implícito ou explícito nas imagens atuais e nem quais são as funções reais de tais dispositivos tecnológicos pela sociedade. Vivendo em um mundo de imagens que precedem a realidade e a nossa identidade – cultural, social e imagética – se constrói através de fragmentos das relações entre o real e o simbólico. Català chama essa junção dos elementos representativos de interface.

O penúltimo capítulo chama-se *Modos de exposição*. Aqui o autor retoma apontamentos do quinto capítulo com um olhar mais voltado às interações visuais entre tecnologia e seus usuários e receptores. Envolto em conceitos de quadrinhos, cinema, televisão e videogames, Català nos mostra como a visualidade depende da tecnologia e em como o sistema de exposição é uma engrenagem formada por estruturas tecnológicas, visuais e de recepção.

Utilizando várias referências de autores dos quadrinhos e fazendo comparativos com o cinema, nos é mostrado a importância do visível e do legível nos quadrinhos e a relação que o som traz ao cinema, além dessas comparações entre os meios, o autor nos faz pensar sobre as diferentes experiências que temos ao navegar na internet e ao *zapping* televisivo e em como isso afeta a nossa percepção visual. Como o mundo visual é uma gama imensa de informações atreladas a sensações e assimilação cognitiva de ideias, Català deixa transparecer que, ao buscarmos o cinema, buscamos o sonho, e ao buscarmos a televisão, buscamos o mundo real.

No último capítulo, *Identidade visual*, Català nos mostra a profunda interação entre arte e tecnologia. A exemplo disso, temos o avatar – nas redes sociais – como projeção direta do corpo do usuário no mundo virtual; É uma via de mão dupla, sendo assim, impossível desvincular a tecnologia da sociedade.

Partindo da premissa que a realidade humana desde sempre é afetada pela imagem e a nossa realidade é construída por essas imagens, pensemos nesse contexto da fragmentação da identidade e sua representatividade nas atuais selfies como formalização estética desse fenômeno: esse avatar proposto pelo autor seria utilizado como um processo de identificação não só mental, mas também material já que o usuário-espectador pode intervir tanto na aparência do avatar como as suas ações no mundo virtual. “A tecnologia age performativamente atualizando fotos de seu inconsciente tecnológico, e ao mesmo tempo se encarrega de materializar o inconsciente do usuário ao que da forma e visualidade a partir das imagens e dispositivos do mundo virtual correspondente” (p. 261).

Em síntese, Català demonstra que o conhecimento visual é interdisciplinar e que está em constante atualização desde o carvão do homem das cavernas ao pixel da sociedade contemporânea. A realidade é que ainda estamos além de termos um ponto final nas relações entre os estudos visuais devido a tendência própria que a imagem

possui de se reconfigurar através de suportes, formatos e linguagens. A genealogia tecnológica da imagem ainda está longe de ser amplamente compreendida, mas, obras como essa nos levam a um caminho mais elucidativo a seguir. Partindo desse argumento, o autor busca apoio em grandes pesquisadores das mais diversas áreas para explicar as imagens e as formas do ver a imagem.

No decorrer da obra é comum encontrarmos referências diretas aos autores como Ernst Cassirer, Erwin Panofsky, Gilles Deleuze, Charles Peirce, Vilém Flusser, Rudolf Arnheim, Jean Baudrillard, Roland Barthes e a tantos outros; a lista das referências bibliográficas é imensa e vale a pena consultar cada um dos vários autores propostos por Català.

O maior convite da obra é fazer com que nós avancemos nas investigações desses novos fenômenos comunicacionais que permeiam essa reflexão do imagético com as novas interações visuais que ainda estão por vir. Sendo assim, trata-se de um livro de suma importância para quem tem interesse em pesquisas na área do audiovisual.